



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10542 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 02 - Ensino Médio

Rastros do Literaturar

Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Sônia Regina da Luz Matos - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

RASTROS DO LITERATURAR

O projeto de tese sobre o tema da literatura e educação ocorre pelas forças de uma professora-pesquisadora de Literatura, habitante de um cotidiano com estudantes em uma escola de Ensino Médio na cidade de Caxias do Sul – Rio Grande do Sul. Ela deslocada desse espaço se lança aos arredores curriculares da literatura a partir do conceito da experiência literária pelo literaturar. Tal deslocamento, entretanto, apresenta-se em movimentos de idas e vindas em múltiplas direções; ou seja, desde o mestrado em educação, quando questionava o modo pelo qual a literatura foi tomada pelo utilitarismo das provas para o concurso de vestibular, tensionava o território da literatura que esvaziado de experiência literária, pois que limitava-se (quase que exclusivamente) à demandas de práticas de leitura e de escrita, que visavam a reprodução para a confirmação dos “conteúdos” de leitura dos textos literários. Considerando o percurso desta professora e pesquisadora, a tese contribui para ampliar as investigações sobre a literatura para o Ensino Médio, pela perspectiva de pesquisa da pedagogia da diferença. O conceito literaturar entra como um mover-se em várias e distintas direções; optamos por ir ao encontro de rastrear o Espírito Corazziano e a Rede Escrelaturas (AQUINO; CARVALHO; ZORDAN, 2022) para montar uma proposta de tese que possibilite o *ato de literaturar* para uma pesquisa voltada ao Ensino Médio. Detalharemos a seguir os dois rastros que nos permite dar rigor conceitual para elaboração deste tema de pesquisa: Literaturar no Ensino Médio. Então, apresenta-se para este evento, neste texto com o Espírito Corazziano, no qual um fio das filosofias da diferença da educação escapa pela leitura que se faz escrita, a primeira parte da tese com a seguinte afirmação: “pela escritura, literatura-se” extraído do artigo *Obsolescência e o vírus da docência* (CORAZZA, 2020b, p. 25). Tal encontro conceitual, por sua vez, disseminou não apenas uma provocação, mas um tensionamento que assume o espaço de investigação de uma tese em educação. Nesse sentido, o presente trabalho parte do legado, deixado na área de currículo e formação pedagógica, da professora-pesquisadora Dra. Sandra Mara Corazza, que faleceu em janeiro de 2020. Seu espírito contribuiu e segue contribuindo para a produção científica de teses, dissertações, livros, revistas e artigos, que investem na experimentação de modos outros de ler e escrever e literaturar em educação (GARCIA, 2022). Dito isto, apresentamos nesse artigo: os rastros do

espírito corazziano acerca do literaturar. Para tanto, demarcamos como plano de consistência teórico conceitual a produção científica da Rede *Escreituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, mais especificamente o *Caderno de notas 1: projeto notas e ressonâncias* (HEUSER, 2011), com vistas a explicitar o modo pelo qual estamos retirando o conceito literaturar deste espaço e porque o trazemos para a tese. Assim, é importante explicitar, ainda, que o presente trabalho estabelece relação direta com a temática do XIV Anped Sul, “Formação e trabalho docente: tensões e perspectivas na Educação Brasileira”, bem como com o eixo temático 02 – Ensino Médio. Em termos metodológicos, a pesquisa é desenvolvida ao modo de ensaio que faz uma busca pelo tratamento do rigor conceitual, que se prepara na repetição do seu estudo teórico e/ou conceitual. Desse modo, que o ensaio relaciona-se muito mais com uma aventura intelectual pela qual é possível não “submeter-se [integralmente] às regras do jogo da ciência e da teoria organizada, segundo as quais a ordem das coisas é a mesma das ideias.” (SKLIAR, 2014, p.103); podendo se tornar fascinante a matéria da qual tratamos (DELEUZE; GUATTARI, 2017) em uma investigação. Se o ensaio ocorre com este tipo de rigor de fluxo científico filosófico, podemos afirmar que para rastrear e definir o conceito de literaturar, mostraremos dois rastros para ensaiar nesse texto. Do rastro I: Espírito corazziano-obra e docência. Neste primeiro rastro, mostramos quem é Corazza e sua obra, ela envolve diretamente o ato de escreituras, ou seja, práticas de leitura e escrita na formação de professores e currículos pela diferença. Vamos indicando que o espírito desta professora e pesquisadora potencializa e transforma o ofício de educar em um sistema solar e planetário, vivo e móvel, inventivo pela fruição filosófica literária. Uma fruição implicada em arrastar matérias das existências-de-artistagem de vida na docência (CORAZZA, 2005). Este rastro nos incita a pensar o quanto essa docência quer afirmar a vida que escreve e lê pela experiência literária. Uma experiência que se aproxima da figura da alegria, enquanto uma brincadeira que tão somente inventa escritas; abrindo espaço a todas as espécies de eventos e de elementos heterogêneos algo que, por sua vez, cria um mundo incerto e perigoso, cuja força faz o professor diferenciar-se, tornando o que ele é, para além do que foi feito dele. Afirmar uma escrita-artista da educação, coloca-se na contramão do moralismo otimista do amor pedagógico; pois que uma escrita-artista situa-se sempre diferente de mim, abrindo-se para uma escrita com caráter de simulacro. (CORAZZA, 2006). Esses deslocamentos corazzianos, da obra e da professora, disparam um pervagar, ou seja, movimentos de vagar no interstício entre autores da crítica literária francesa: Roland Barthes (1915-1980) e Maurice Blanchot (1907-2003) com os quais a disseminação de sentido das escreituras aproxima-se mais de um jogo do que de uma suposta decifração. Logo, pensar junto ao ato de escreituras implica em estabelecer uma valorização da multiplicidade de sentidos; com vistas a distanciar-se da falência interpretativa que, na busca pelo verdadeiro, oblitera as possibilidades de experimentações. Importa, ainda, explicitar, que a escreitura é um tipo de leitura e de escrita que não crê na cientificidade como condição para a felicidade da humanidade; aliás, avessa que é as dualidades do amor-ódio, da denúncia-salvação, da culpa-solução e de tantas outras dicotomias que constituem a educação, pois a sua realização não visa a desvalorização de outras escritas. Contudo ela não abre mão de apostar em um pensamento farto de possibilidades. Assim, junto a esse espírito e outros autores, situamos o literaturar entre escrita e leitura, entre filosofia e experimentação, entre literatura e artistagem, com vistas a “tomamos partido rigoroso contra qualquer escrita nostálgica, redentora, aconselhadora, messiânica, proféticas.” (CORAZZA, 2006, p.16); afinal, de certezas, promessas e seus afins salvacionistas e modeladores estamos todos já muito cansados. O enfrentamento a esse cansaço, implica em pensarmos que a disseminação de sentidos das escreituras está intimamente implicada pelo revezamento *entre* leitura e escrita, dizendo de outro modo, aproxima-se mais da multiplicidade de trânsitos que a leitura pela escrita pode produzir do que da sua garantia de certezas e verdades. Ainda nesse rastro I, mostramos algumas cenas de encontros singulares, como a experiência de estar com a professora corazziana em aula e como o *ato de literaturar* saltava em suas escrituras de aula. Nas aulas, as provocações dessa teófaga de crueldade esfumaçada, deram-se, especialmente, num encontro em um colóquio de

educação, um evento promovido e organizado pelo corpo discente de um Programa de Pós-Graduação. Auditório cheio, como diria ela: aula cheia. Ela chega em um carro branco. Noite inflamada pela lua de claridade opaca e sombria furta os presentes de qualquer esperança de iluminação pelo conhecimento-científico-acadêmico a ser apresentado na conferência *A-traduzir o Arquivo da Docência em Aula: Sonho Didático e Poesia Curricular* (CORAZZA, 2020a). Contudo, pensamos ter ouvido e visto movimentos erráticos de fala misturados a gestos vigorosos que disseminaram a derrelição (HILST, 2018a, 2018b) de uma língua do espírito, que faz da fala o próprio *ato de literaturar* como poética de aula, e cujas palavras e frases pareciam estar despossuídas das necessidades de explicação, das facilidades da comunicação ou, ainda, de qualquer didatismo simplório. Agora deslocamos a cena corazziana para o *Arquivo da Docência em Aula* (CORAZZA, 2017); simplesmente porque a língua viceja sempre e ainda mais ao disseminar pelos fios das esrileituras a crueza de enfrentamento aos langores das prescrições utilitaristas, que estão tomando os discursos da formação de professores, cujo estado de abatimento se traduz, por vezes, em prisões nas armadilhas da representação de modelos curriculares. Mas o seu combate entre a filosofia da diferença e a literatura faz com que ela possa apontar o literaturar como movimento de espaço para os elementos heterogêneos (CORAZZA, 2006) para a experiência literária. Pois bem, diante desse primeiro rastro da obra e docência do espírito corazziano, abrimos a continuidade do ensaio desse texto para o segundo rastro. Do rastro II: Espírito corazziano e a rede esrileitura. Neste segundo rastro, espreitamos a trama da produção da Rede Esrileituras, coordenada por ela e composta por mais de 34 pesquisadores – nacionais e internacionais -, na qual se rastreiam as pesquisas, que por meio de ateliês, em escolas e na formação de professores, tematizam um tipo de fruição filosófica pela poética, que tem no ler para escrever e no escrever para ler – esrileituras – como uma das condições que fazem a disseminação de sentidos de um texto existir. No livro *Caderno de notas 1: projeto notas e ressonâncias* (HEUSER, 2011, p.80), a primeira publicação da Rede Esrileituras, temos que “um texto poeticamente eficaz, minuciosamente trabalhado, autônomo como obra de arte verbal, dentro dos recursos da linha portuguesa, extremados quando necessário para responder ao impacto do original [...] para além tanto do rudimentarismo literal, quanto da banalidade explicativa”, está implicado com o conceito de texto como uma matéria canibalizada, ou seja, deglutida e misturada com outros textos pelo revezamento constante da leitura pela escrita e da escrita pela leitura, na medida em que não se trata, de modo algum, de eliminar a tradição e os clássicos da Literatura, mas de mantê-los vivo por outras vias, disseminando-os em outros textos. Defende-se pela Rede Esrileituras que temos uma “herança com a cripta” (GARCIA, 2022, p. 770) do texto literário, como sendo tomado pelas disseminações do *ato de literaturar*, e assim fazer-se pela implicação com uma leitura e uma escrita operada a partir *de, com, entre* textos que já lemos e que esse “lido” se fará matéria para escritas outras. Este tipo de disseminação de sentido para o texto operacionalizado nos ateliês da Rede Esrileituras aproxima esta tese do literaturar-se porque assumimos os “textos de guerrilha e sintaxes com virtudes de inversão crítica: prosa poética ou longos períodos [...] misturados com os momentos mais filosóficos de digressão conceitual” (GARCIA, 2022 p. 772). Portanto, tomada pelos dois rastros, com o Espírito Corazziano e pela produção acadêmica da Rede Esrileituras, deslocamos três características do literaturar-se e que daremos continuidade na tese agora sobre o debate da literatura no Ensino Médio, são elas: 1. Literatura-se como a literatura que envolve a leitura pela escrita e a escrita pela leitura, avizinhada pela noção de esrileituras e de escritura (BARTHES, 2004); 2. Literatura-se a partir do conceito de texto como disseminação de fruição de uma língua em derrelição (HILST, 2018a; 2018b), pela qual arriscamos interrogar as esrileituras com certa voracidade e uma dose de urgência, mas sem esquecer da poética que toda língua arrasta consigo; 3. Literatura-se pela experiência porque “um ato literário que não é nem de afirmação, nem de negação e que num primeiro momento, libera o sentido [...] como simulacro de sentido” (BLANCHOT, 2010, p. 37) do texto sempre por vir; afinal a leitura e a escrita configuram-se no “próprio trabalho [...] da linguagem, [que] consiste em dar a uma mesma frase inflexões

sempre novas, criando assim, *uma língua inédita.*” (BARTHES, 2003, p. 129, grifo nosso). Para concluir os dois rastros apresentados nesse ensaio, compreendemos que, pelo literaturar temos a possibilidade de experimentar: traçar, inventar, criar linhas que dobram saberes, fazeres, sentires, um sobre os outros, de modo a não apenas seguirmos repetindo monocordicamente tudo que já vivemos, lemos e escrevemos em educação; simplesmente porque “somos feitos de linhas. [...] estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que *estão entre as linhas de escrita.*” (DELEUZE, GUATARRI, 1996, p.72) em meio as quais ousamos seguir nos movimentando em distintas direções, a fim de disseminar uma experiência literária que “pela escritura, literatura-se.” a si, ao outro e meio à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio. Pedagogia da Diferença. Currículo. Literaturar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. **Sandramaracorazza**: obras, vidas etc. Porto Alegre: UFRGS Rede Escriteiras, 2022.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 214 p. Tradução Leyla Perrone-Moisés.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. 2. ed. (Coleção Roland Barthes). Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 225 p.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 3**: a ausência do livro. Tradução João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010. 216 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 139-41.

CORAZZA, Sandra Mara. Como um cão. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 14-27.

CORAZZA, Sandra Mara. **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. (Org.). **Métodos de transcrição**: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: OIKOS, 2020a. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/escrileiturasrede/metodos/>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. Obsolescência e o vírus da docência. In: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; LULKIN, Sergio Andrés. (Org.). **Por que esperamos**: [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]. Porto Alegre: UFRGS, 2020b. 100 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução Julia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 157 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2: volume 3. São Paulo: Editora 34, 2019.

GARCIA, Wladimir. Escrileituras: o multifacetado da multiplicidade na formação pedagógica e no pensamento. In: AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. **Sandramaracorazza**: obras, vidas etc. Porto Alegre: UFRGS Rede Escrileituras, 2022. p. 770-778.

HEUSER, Ester Maria Deher. **Caderno de notas 1**: projetos, notas e ressonâncias. Cuiabá: Edufnt, 2011. p. 120.

HILST, Hilda. A Obscena Senhora D. In: HILST, Hilda. **Da Prosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. p. 17-57. v. 2.

HILST, Hilda. As aves da noite. In: HILST, Hilda. **Teatro completo volume I: As aves da noite seguido de O visitante**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2018b. p. 31-102.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem**: Educar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, 240 p.